



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

PEDRO VINICIUS NERY MOREIRA FIGUEIREDO ROSSI

RELIGIOSIDADE:
PERSPECTIVAS ANALÍTICAS SOB OS ASPECTOS DA
MODERNIDADE

Londrina

2014

PEDRO VINICIUS NERY MOREIRA FIGUEIREDO ROSSI

RELIGIOSIDADE:
PERSPECTIVAS ANALÍTICAS SOB OS ASPECTOS DA
MODERNIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Ms. Luiz Ernesto Guimarães.

Londrina

2014

PEDRO VINICIUS NERY MOREIRA FIGUEIREDO ROSSI

RELIGIOSIDADE:
PERSPECTIVAS ANALÍTICAS SOB OS ASPECTOS DA
MODERNIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Ciências
Sociais da Universidade Estadual de
Londrina, como requisito parcial à obtenção
do título de Bacharel em Ciências Sociais.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Ms. Luiz Ernesto
Guimarães

Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Fábio Lanza

Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Cláudia Neves da Silva

Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, __ de _____ de 2014.

Dedico este trabalho a minha noiva, Renata.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, todos aqueles que estiveram ligados com a elaboração deste trabalho. Agradeço àqueles que colaboraram, direta ou indiretamente, para a construção, revisão e finalização deste. Agradeço o apoio, a atenção, e a colaboração; agradeço as dificuldades, as trajetórias confusas, e as madrugadas.

Ao meu orientador, Luiz Ernesto, que apesar de todos os nossos contratempos e tantos outros compromissos, nunca deixou de entender, trabalhar, corrigir e orientar, um único parágrafo que parecesse mais confuso e abstrato do que deveria. Que soube quando me orientar, e também quando me corrigir, nas horas em que mais necessitei para a finalização deste trabalho.

Ao professor Fabio Lanza, por toda a amizade e dedicação que demonstrou em todos esses anos. Pela paciência com a qual relevou meus inúmeros tropeços e tantos escorregões; pela dedicação em nunca me deixar sem o amparo de sua presença e amizade, em cada momento decisivo e tempestuoso, em cada momento de alegria e vitória, em toda essa minha trajetória na universidade.

Aos velhos amigos, que sempre estiveram prontos a ajudar quando eu mais precisei, que sempre detiveram aquele pouco de carinho e atenção que toda amizade verdadeira deixa transparecer. Agradeço especialmente ao meu amigo Bruno Frank, pelo apoio, dedicação e paciência; que nesses dez anos de amizade sempre demonstrou afeto e companheirismo mesmo em nossos momentos mais difíceis.

Aos novos amigos, que sempre incentivaram, que sempre se mostraram presentes, prontos à responder quando chamados na necessidade, na dúvida, ou para compartilhar da alegria da conquista. Agradeço especialmente a José Neves, que desde os dias que precederam nossa jornada nesta universidade se mostrou um rapaz alegre, um jovem confiante; que em nossa jornada se mostrou mais que um amigo fiel.

Aos meus pais, por todo apoio recebido nas horas difíceis, mesmo no impedimento da distância; por todos os momentos de entendimento, e

mesmo nas horas de desentendimento, que me permitiram amadurecer todo dia mais, sempre com a certeza de ter um ninho seguro para onde pudesse sempre voltar.

Agradeço a todos que estiveram presente e nunca me desanpararam, mesmo nos momentos mais incertos e obscuros. Agradeço a minha noiva, Renata Canevaroli, por todo o seu amor, por todo o seu carinho, por toda a sua dedicação; pelo trabalho na madrugada, pelas inúmeras revisões de meus textos, pela paixão com que sempre se dedicou à construir um futuro que fosse nosso.

Agradeço aos desafios e as oportunidades que recebi durante a minha vida de universitário; aos problemas e aos contrastes, as desavenças e as lutas. As pessoas que fizeram do estágio na COHAB um algo melhor, e me fizeram um alguém melhor; das eternas novas amizades que fiz durante o meu breve periodo junto a COPS, que carregarei sempre comigo como sinônimo de alegria e trabalho.

Agradeço a todos os colegas e professores que estiveram comigo nesses anos todos. As pessoas que conheci e que levarei sempre comigo, e àqueles que ficaram pelo caminho e deixaram saudade. Aos momentos de angustia e tristeza, de felicidade e alegria. Por tudo o que hoje sou, de tudo o que hoje me tornei, a todo o trabalho dedicado e a tolerância revelada, o meu muito obrigado.

Truth is sought for its own sake. Finding the truth is difficult, and the road to it is rough. For the truths are plunged in obscurity. God, however, has not preserved the scientist from error and has not safeguarded science from shortcomings and faults. If this had been the case, scientists would not have disagreed upon any point of science. Therefore, the seeker after the truth is not one who studies the writings of the ancients and, following his natural disposition, puts his trust in them, but rather the one who suspects his faith in them and questions what he gathers from them, the one who submits to argument and demonstration, and not to the sayings of a human being whose nature is fraught with all kinds of imperfection and deficiency. Thus the duty of the man who investigates the writings of scientists, if learning the truth is his goal, is to make himself an enemy of all that he reads, and, applying his mind to the core and margins of its content, attack it from every side. He should also suspect himself as he performs his critical examination of it, so that he may avoid falling into either prejudice or leniency.

Ibn Alhazen.

ROSSI, P. Vinicius. **Religiosidade**: perspectivas analíticas sobre os aspectos da modernidade. 2014. 55 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

RESUMO

A proposta apresentada neste trabalho baseia-se nas pesquisas elaboradas acerca das religiosidades existentes na Universidade Estadual de Londrina. Buscou-se compreender a presença das religiosidades no *campus* em contraste a uma abordagem societária moderna, na perspectiva de um movimento de dessecularização. Para a elaboração do trabalho e obtenção dos resultados, foram utilizados métodos de investigação quantitativos e qualitativos, com revisão bibliográfica acerca da temática abordada, com auxílio do trabalho de campo como ferramenta de recorte esquemático, a partir da obtenção, comparação e análise de dados objetivos e subjetivos. O presente trabalho possibilitou identificar, analisar e compreender os meios de atuação proselitista, sua influência sobre a formação da identidade religiosa do estudante, os contrapontos entre o convívio e a esfera tradicional-familiar na formação identitária, e as formas de inserção e interação das religiosidades nos meios acadêmicos em contraste as características e aos aspectos díspares da *modernidade*.

Palavras-chave: religiosidade; secularização; dessecularização; proselitismo.

ROSSI, P. Vinicius. **Religiosity**: analytical perspectives on the aspects of modernity. 2014. 55 pages. Undergraduated thesis (Graduation course in Social Sciences) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

ABSTRACT

The proposal presented in this paper is based on research developed about the religiosity existence at the Universidade Estadual de Londrina. It was sought to understand the presence of religiosity on *campus* as opposed a modern societal approach, in the perspective of a movement of desecularization. For the elaboration of the work and achievement of results, methods of quantitative and qualitative analysis, with bibliographic review on the selected theme, with the aid of field work as schematically cropping tool, were used from obtaining, comparing and analyzing objective and subjective data. The present study enabled to identify, analyze and understand the means of proselytic activity, their influence on the formation of religious identity of the student, the counterpoints between the living and the traditional-familiar concern in identity formation, and forms of integration and interaction of religiosity in academic as opposed the features and uneven aspects of *modernity* means.

Keywords: religiosity; secularization; desecularization; proselytism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E GRÁFICOS

Gráfico 1 – População presente e residente, por religião (2000)	20
Gráfico 2 – População presente e residente, por religião (2010)	20

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 – População presente e residente, por religião (1970-2010).....	19
Quadro 2 – Números relativos as denominações religiosas presentes na UEL (2010)	38

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UEL	Universidade Estadual de Londrina
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
RU	Restaurante Universitário
ABUB	Aliança Bíblica Universitária do Brasil
GOU	Grupo de Oração Universitário
MUR	Movimento Universidades Renovadas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	PERSPECTIVAS ANALÍTICAS	17
2.1	ASPECTOS GERAIS.....	18
2.2	ASPECTOS JURÍDICOS	21
3	SECULARIZAÇÃO E DESSECULARIZAÇÃO	23
3.1	PROSELITISMO	24
3.2	MODERNIDADE	28
3.3	PROSELITISMO DESENHADO	33
4	TRABALHO DE CAMPO	38
4.1	CARACTERÍSTICAS DO CAMPO	39
4.2	PERCEPÇÕES SOBRE O OBJETO.....	42
4.3	PERCEPÇÕES SOBRE O SUJEITO	45
4.3.1	Dados Comparados	45
5	REDENÇÃO	48
5.1	REMINISCÊNCIAS CULTURAIS	51
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
	REFERÊNCIAS BIBLOGRÁFICAS	55

1 INTRODUÇÃO

O estudo das religiosidades possibilita trabalhar sobre diversas perspectivas analíticas, partir de inúmeras categorias de análise teóricas, e focar sobre as características mais latentes – evidentes ou obscuras – presentes na *modernidade*. Uma análise consistente dos aspectos religiosos, num panorama geral, permite perceber a persistente existência da religião ainda imbricada na sociedade atual.

Mesmo os aspectos modernos parecem subjugar e abastecer as características mais distintivas da moral religiosa. Os processos de desencantamento aparentam discordâncias que parecem fraquejar nas relações seculares. Em contraposição às perspectivas modernas, busca-se compreender como os meandros desse processo desenvolvem-se na atual condição da volatilidade da *modernidade* atual.

Parte dessa investigação teve como objetivo criar um estudo que viesse a relacionar os processos de secularização e proselitismo no espaço público correspondente a Universidade Estadual de Londrina (UEL). A pesquisa tencionou questionar, compreender e analisar como os valores religiosos são reproduzidos dentro do meio acadêmico aos graduandos dos diversos cursos ofertados pela universidade.

Observando-se a vida acadêmica é possível perceber a existência da presença religiosa dentro do espaço público condizente ao *campus* dessa universidade. Em seu passeio principal, não passa despercebido ao transeunte, dentre todas as construções, a réplica da primeira capela (de referência Católica Apostólica Romana) edificada na cidade de Londrina¹. Tal construção destaca-se aqui como um monumento arquitetônico difuso dos demais; um expoente religioso incrustado no seio da universidade.

Porém, mais do que se poderia supor como consumado nesta simplória réplica de um espaço religioso construído nas adjacências do passeio público da universidade, é possível encontrar representações simbólicas e religiosas

¹ “A Capela Ecumênica da UEL é uma réplica da primeira capela erguida em Londrina, em 1934, onde hoje está a Catedral da cidade. A Capela da UEL, além de ser um resgate histórico e arquitetônico, tem a importância de ser um espaço para a meditação e recolhimento espiritual. A capela está localizada entre o CCE e o CESA”. FONTE: UEL. **Sua vida na UEL**. Disponível em: <<http://www.uel.br/>>. Acessado em set. 2012.

desenhadas em práticas proselitistas e outras ações – reuniões temáticas – de grupos atuantes presentes no *campus* e na comunidade adjacente. Tal fato da aparente e simplória existência da presença religiosa neste meio público-acadêmico cria e atiza uma série de dúvidas e questões que surgem como indagações críticas no processo de investigação.

Busca-se no ápice de tais indagações compreender como a presença de uma religiosidade, de moral adversa aos ideais pregados pela atual *modernidade*, tornou-se expressiva em um espaço público supostamente laico, obtendo meios por onde semear, dentro da academia intelectualizada, seus ramos atuantes e seus empenhos na promoção de seus dogmas e valores morais.

Por meio da pesquisa bibliográfica, coleta de materiais de origem proselitista, e do trabalho de campo, foi possível desenvolver a reflexão acerca da relação entre o indivíduo e os ideais religiosos contrapostos aos valores modernos dentro da esfera acadêmica. Tal pesquisa veio possibilitar a percepção de como os ideais e os valores religiosos encontram dentro dos muros da universidade – no indivíduo e nos aspectos modernos de sua interação social – meios que permitiriam a propagação de uma moral apaziguadora, e como os meios para essa difusão agem direta e abertamente para com os indivíduos presentes na investigação.

Parte dessa pesquisa objetivou-se em analisar o perfil da religiosidade presente na formação identitária dos estudantes participantes de reuniões compostas por temáticas religiosas. Ademais, tencionou-se compreender as relações entre a *modernidade*, a religiosidade e a identidade por meio da análise de dados coletados dentre os graduandos do *campus*, das reuniões temáticas de intento religioso, principiando à pesquisa participativa de cunho etnográfico.

Partindo dos pressupostos averiguados, tornou-se possível analisar o perfil da religiosidade existente no *campus* universitário, presente na formação identitária dos estudantes participantes das reuniões compostas por temáticas religiosas dentro do espaço físico da universidade. Onde, incluso em uma *modernidade* de afinidades relativizadas, processos desordenados de apreciações derivadas de uma liquidez societária (BAUMAN, 2001, 2007,

2009), a busca por certezas, a busca por solidez, presentes nas matizes e doutrinas religiosas, possibilitaria ao graduando afeiçoar-se às características dos processos de formação identitário, estabelecidos na perspectiva da abstrusa *modernidade*.

2 PERSPECTIVAS ANALÍTICAS

A análise dos estudos realizados acerca da temática religiosa revela, dentre distintos fatores de compreensão e pesquisa, diferentes aspectos metodológicos e analíticos que se seguiram a partir das diversas perspectivas abordadas; na percepção de diferentes autores que se detiveram em analisar o tema, superficial ou intimamente, sobre os mais diferentes aspectos, sobre as mais diferentes realidades, e sobre as diversas influências face à sociedade.

Para Émile Durkheim (1989), a religião auxilia na manutenção da coesão social a partir de uma identidade coletiva gerada por um ambiente comum em símbolos, signos e ideias. A religião teria, portanto, a relação funcional que possibilitaria o fortalecimento dos laços de coesão social; o processo de interiorização e reconhecimento identitário mútuo é perceptível a partir da observação e análise das cerimônias ritualísticas que perfazem o contexto da reafirmação das crenças recíprocas e coletivas de determinado grupo, fortalecendo e conservando uma ordem social estabelecida – num contexto de paridade entre os termos – que possibilitaria a manutenção dos aspectos inerentes à coesão social.

Para Max Weber (1967), a análise compreensiva e comparativa dos diferentes aspectos e das diferentes características, presentes em determinados grupos religiosos nas distintas sociedades analisadas, possibilitou inferir como a religião orienta e determina as ações dos indivíduos, definindo o comportamento e a conduta social relacionada às escolhas e orientações religiosas professadas. A partir dessa perspectiva analítica é possível inferir como a relação entre as razões determinantes para a escolha e adesão de indivíduos ou grupos a crenças e religiões específicas, e perceber como elas interferem e influenciam nas expectativas, nas ações, e no comportamento desses indivíduos.

Para Karl Marx (1968), as análises sobre as características e inferências da religião sobre a sociedade poderiam ser compreendidas de uma forma dicotômica. A religião atuaria como um processo de conformidade à realidade social, a partir da lógica dos processos de alienação; pressupondo o

fator relacional da não compreensão dos aspectos inerentes a concepção intelectual de sua própria história, os homens criam [portanto] forças divinas aquém de sua própria gênese, atribuindo as ações de seus deuses certos valores e normas outorgados que, na realidade, são criações sociais moldadas e transformadas – de modo positivo ou negativo – no interior da própria sociedade. Numa outra relação possível, a religião apresenta-se como uma exegese de conhecimento e explicação da própria realidade, o que possibilita entender os processos sociais e a condição de sujeitos históricos, determinando significações que permitam compreender e confrontar as relações sociais, que definem tanto os processos de conformidade como os processos de orientação das condutas relacionais.

Possuindo como base os pressupostos dispostos nas distintas análises e percepções clássicas sobre a temática abordada neste trabalho, a necessidade de compreensão das nuances da religiosidade se apresenta, atualmente, vinculada aos fatores modernizantes da atual sociedade. Os três teóricos citados apresentam perspectivas de análises diferentes para um mesmo tema, porém, as principais ideias presentes no pensamento de cada autor possibilitam uma apreciação abrangente, de questionamentos descritivamente dirigidos, que possibilitam compreender as formas como as relações entre a religião e a religiosidade se apresentam, se transformam e interagem entre si e para com o indivíduo e a sociedade dentro dos aspectos modernos.

2.1 ASPECTOS GERAIS

As características estruturais que se apresentam na sociedade *moderna* contém, em sua essência, nuances de miscelâneas das diversas relações justapostas entre si. Concorrendo em um mesmo ritmo, simultaneamente, diversas variáveis interagem sobre os aspectos mais distintos, interferindo e/ou objetivando, uma série de relações socialmente adquiridas ou idealizadas, que interatuam desordenadamente entre si. Essa tumultuada afinidade de cores e formas possibilita, no entanto, encontrar

padrões que seguem tangenciando a realidade a partir das inferências relacionais dentre os fatores possíveis de serem analisados.

As religiões e as religiosidades apresentam-se como um fator característico desse modelo, podendo compor uma análise tanto estrutural e objetiva, como performática e subjetiva. Para tanto, faz-se necessário considerar a base analítica a partir de um ponto onde a *modernidade* consubstancie uma intersecção, relativizada ou não, com os aspectos intrínsecos da religião/religiosidade nas situações em que há a atuação desta sobre o indivíduo e/ou sobre a sociedade.

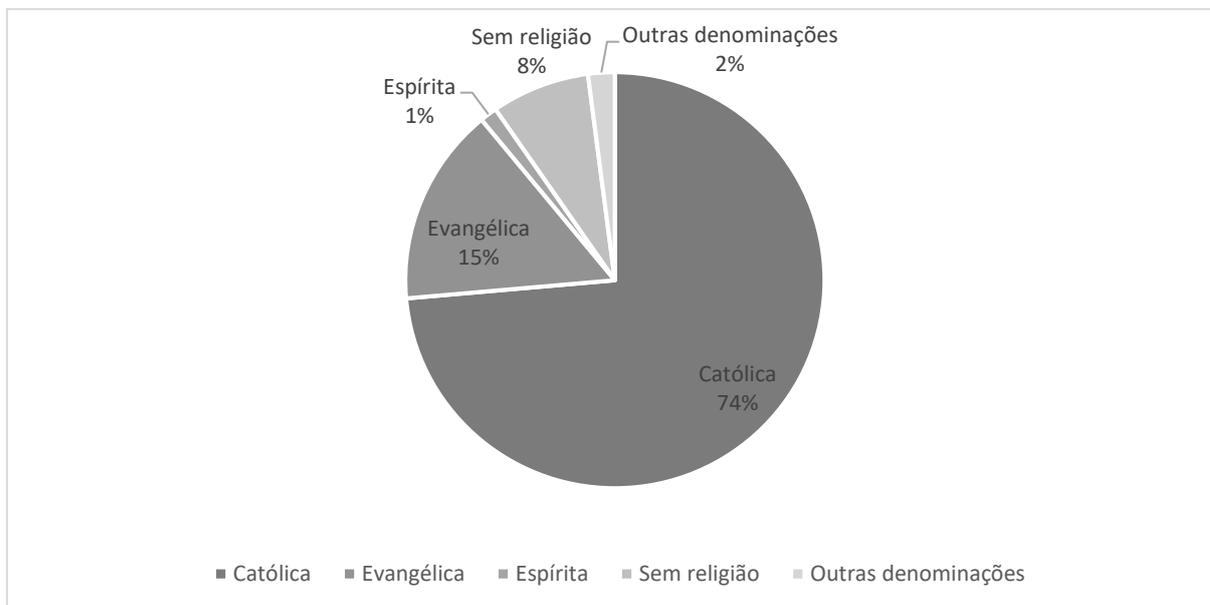
No intento de compreender, primeiramente, a relação estrutural entre a religião e a sociedade, o quadro 1, disposto a seguir, possibilita visualizar um panorama geral à tendência religiosa no Brasil, o crescimento e o decaimento, a partir dos números absolutos referentes a população com base na totalidade do território nacional.

Quadro 1. População presente e residente, por religião (1970-2010).

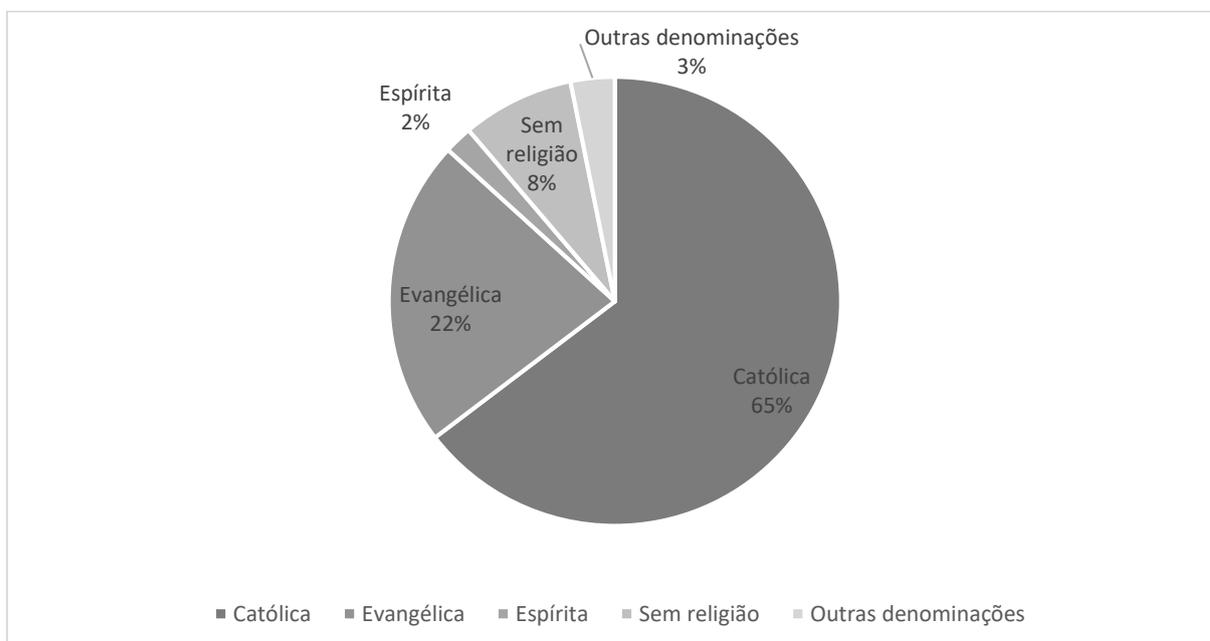
Ano	Católica	Evangélica	Espírita	Sem religião	Outras denominações	População total
1970	85.472.022	4.814.728	1.178.293	715.056	954.747	93.134.846
1980	105.861.113	7.885.846	1.538.230	2.252.782	1.473.081	119.011.052
1991	122.366.692	13.189.284	2.292.819	7.542.246	1.434.434	146.825.475
2000	124.980.132	26.184.941	2.262.401	12.876.356	3.495.340	169.799.170
2010	123.280.172	42.275.440	3.848.876	15.335.510	6.015.801	190.755.799

Fonte: Directoria Geral de Estatística, [187?]/ 1930, Recenseamento do Brazil 1872/1920; IBGE, Censo demográfico 1940/2010. Até 1991, dados extraídos de: Estatísticas do Século XX. Rio de Janeiro: IBGE, 2007 no Anuário Estatístico do Brasil 1994. Rio de Janeiro : IBGE, vol. 54, 1994.

Na ilustração dos gráficos 1 e 2, dispostos a seguir, é possível perceber, comparativamente, os aspectos da evolução das tendências religiosas existente no recorte disponibilizado a partir do quadro 1 para os anos mais recentes (2000 e 2010).

Gráfico 1. População presente e residente, por religião (2000).

Fonte: Directoria Geral de Estatística, [187?]/ 1930, Recenseamento do Brazil 1872/1920; IBGE, Censo demográfico 1940/2010. Até 1991, dados extraídos de: Estatísticas do Século XX. Rio de Janeiro: IBGE, 2007 no Anuário Estatístico do Brasil 1994. Rio de Janeiro: IBGE, vol. 54, 1994.

Gráfico 2. População presente e residente, por religião (2010).

Fonte: Directoria Geral de Estatística, [187?]/ 1930, Recenseamento do Brazil 1872/1920; IBGE, Censo demográfico 1940/2010. Até 1991, dados extraídos de: Estatísticas do Século XX. Rio de Janeiro: IBGE, 2007 no Anuário Estatístico do Brasil 1994. Rio de Janeiro: IBGE, vol. 54, 1994.

Apesar do crescimento absoluto nos números totais da população no país, os gráficos possibilitam perceber de forma ilustrativa como o crescimento e/ou o decaimento quantitativo referente ao aspecto religioso da população brasileira, modifica-se mais acentuadamente na disposição entre as denominações religiosas, pouco variando em conformidade com aqueles que se declararam sem religião. É importante ressaltar que, esse aspecto geral da presença religiosa dentre a população integra um quadro precedente quanto a análise do desenvolvimento, da ação e do comportamento, dos indivíduos na sociedade frente as particularidades da *modernidade* que se apresenta.

2.2 ASPECTOS JURÍDICOS

A Constituição de 1891 instituiu a oficial separação entre a Igreja e o Estado no Brasil que, como tal, mantém-se até então. Isso não significou a ruptura entre o Estado e a religião, ou aspectos quaisquer religiosos – como a religiosidade, por exemplo. A Constituição Federal de 1988 consagrou o Estado Democrático de Direito fundamentado na busca da igualdade, formal e/ou material, tendo como seu objetivo promover o bem estar de todos, sem preconceitos de qualquer natureza, estabelecendo-se na dignidade do indivíduo e na tolerância mútua e a coexistência pacífica. A igualdade formal é aquela positivada no texto constitucional, situado no corpo do artigo 5º da referida carta, e deriva dos denominados direitos de 1ª dimensão – aqueles direitos derivados das revoluções, como a Francesa, por exemplo –, dispendo sobre a igualdade perante a lei com relação a todos, sem distinção.

Na igualdade material, leva-se em consideração cada caso concreto de desigualdade existente na sociedade e busca-se, portanto, a igualdade social. A garantia positivada do direito tão somente – por si mesmo – é insuficiente para o acesso de toda a coletividade. Ambas as garantias que visam a isonomia, vedam o preconceito de qualquer espécie, seja este com relação ao racismo, direitos sociais, proteção ao trabalhador, liberdade de pensamento, e crenças. Nesse sentido, o artigo 5º, inciso VI, da referida carta, protege a liberdade de culto e crença de cada indivíduo, com consequente proteção à prática de seus rituais, sem distinções. Portanto, parte-se do pressuposto de

que tais direitos se estendem a toda e qualquer religião, culto ou crença, bem como seus espaços físicos de culto (templos, igrejas etc.).

Art. 5º. Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: (...) VI – é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias; VII – é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva; VIII – ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei (BRASIL, 1988, p. 5).

Em razão do princípio da isonomia e da moralidade que norteia os atos e a administração pública, esta não pode diferenciar as diversas religiões e cultos existentes no território brasileiro. Portanto, a Constituição Federal, em seu artigo 19, inciso I, proíbe expressamente a todos os entes políticos (União, Estados, Distrito Federal e Municípios) o estabelecimento de cultos, o financiamento ou participação que gere dependência de qualquer maneira – com a exceção de permitir aliança com qualquer entidade religiosa no caso de interesse público (como tragédias, ou casos de *força maior*).

Art. 19º. É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios: I – estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes, relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, colaboração de interesse público (BRASIL, 1988, p. 9).

Em que pese o distanciamento do Estado junto as instituições de natureza religiosa, o mesmo não exclui do indivíduo a possibilidade de ser assistido em locais administrados pelo estado, em locais da administração civil que sejam financiados majoritariamente por algum ente (seja União ou Estado ou Município), ou militares em recuperação – com o permissivo previsto no inciso VII, do artigo 5º, tal assistência não especifica, nem exclui, qualquer assistência religiosa.

3 SECULARIZAÇÃO E DESSECULARIZAÇÃO

A teoria da secularização, expressão referente a trabalhos extensamente publicados sobre a temática da sociologia das religiões (entre os anos de 1950 a 1960), trata singularmente da dicotomia existente entre *modernidade* e religião. Em aspecto *sui generis*, a autonomia com que a *modernidade* faz incidir sobre a religião descaracterizaria os preceitos morais e, como fator resultante, determina à religião, a incapacidade de produzir respostas que contemplem todas as exterioridades dogmáticas – de sublevação e dominação categórica da religiosidade – sobre os princípios conjuntos as categorias anômicas, presentes nos domínios da *modernidade*.

A ideia é simples: a modernização leva necessariamente a um declínio da religião, tanto na sociedade como na mentalidade das pessoas. E é justamente essa ideia central que se mostrou estar errada. Com certeza, a modernização teve alguns efeitos secularizantes, em alguns lugares mais do que em outros. Mas ela também provocou o surgimento de poderosos movimentos de *contrasecularização*. Além disso, a secularização a nível societal não está necessariamente vinculada à secularização a nível da consciência individual. Algumas instituições religiosas perderam poder e influência em muitas sociedades, mas crenças e práticas religiosas antigas ou novas permaneceram na vida das pessoas, às vezes assumindo novas formas institucionais e às vezes levando a grandes explosões de fervor religioso. Inversamente, instituições religiosamente identificadas podem desempenhar um papel social ou político mesmo quando muito poucas pessoas confessam ou praticam a religião que essas instituições representam. Para dizer o mínimo, a relação entre religião e *modernidade* é bastante complicada (BERGER, 2000, p. 10).

De fato, a relação entre a *modernidade* e religião se estrutura em um patamar ulterior consistente de mútua aceitação e conformidade; uma negação e oposição subjacente que aparentava não adaptar-se – ambas – as características imanentes das relações sociais que exploram de maneira individual, coletiva, política ou institucional. As observações sobre a teoria da secularização basearam-se em demonstrar onde os aspectos modernos subjugavam a proeminências e características religiosas.

Desgastadas pelo tempo, desgastadas por novos preceitos éticos-morais nos quais a *modernidade* fazia-se consolidar, de modo que as teorias buscavam demonstrar, afirmar e reafirmar, o declínio da religião no embate com a *modernidade*. Entretanto, o que se pôde averiguar como consequência

relutante desse constante conflito fora o surgimento de poderosos movimentos de *contrassecularização*; uma imbricada relação que se consubstancia em ação a pertinência e obstinação da religião em existir em uma sociedade não-secularizada, refutando os processos de imersão e adaptação – mutação e transformação – dos preceitos dogmáticos, éticos e morais, que conceituam tradicionalmente alguns aspectos da tradição religiosa.

É interessante observar que a teoria da secularização também foi refutada pelos resultados de estratégias de adaptação utilizadas por instituições religiosas. Se vivêssemos realmente num mundo altamente secularizado, poderíamos esperar que as instituições religiosas sobrevivessem na medida em que se adaptassem à secularização; essa tem sido a suposição empírica das estratégias de adaptação. Mas o que ocorreu, de modo geral, é que as comunidades religiosas sobreviveram e até floresceram na medida em que não tentaram se adaptar às supostas exigências de um mundo secularizado. Simplificando: experimentos com religião secularizada geralmente fracassaram; e movimentos religiosos com crenças e práticas saturadas de sobrenaturalismo reacionário [...] foram amplamente bem sucedidos (BERGER, 2000, p. 11).

A ação de agregar elementos seculares, descrito por Peter Berger como ato de adaptação, compreende a capacidade de refutar elementos fundamentais, derivados da exegese tradicional, em virtude dos aspectos intrínsecos provenientes de uma sociedade secularizada. Os meios de ação, no entanto, revelam como as ações religiosas influem nos aspectos mais totalizantes e difusos da *modernidade* na perspectiva propositiva de uma dessecularização. Ou seja, as ações estão relacionadas justamente em resposta as conjecturas e perspectivas de ação da *modernidade*; resposta as problemáticas atuais, sem deixar de ser e transparecer aquilo que se entende tradicionalmente como certo e verdadeiro.

3.1 PROSELITISMO

No Estado laico, com a oficial separação entre Igreja e Estado, firmados todos os direitos de igualdade dispostos na Constituição de 1988, a observância dos meios sociais investigados na presente pesquisa nos remete a questionamentos proporcionais de igual amplitude a esta mesma gama de direitos a que todos encontram-se submetidos. Tal observação coloca o objeto de estudo aqui proposto na contramão das teorias seculares.

Não apenas pelo fato de existir em uma instituição de ensino pública meios de ação religiosos, que vão desde construções físicas de determinadas religiões em patrimônio público (Capela Ecumênica), representações religiosas determinadas e diversas (reuniões com temáticas religiosas e/ou celebrações de cultos religiosos), e empenho dos agentes e atores sociais na prática religiosa e/ou proselitista. Encontram-se sob os aspectos modernos da sociedade os meios por onde compreender como tais ordenamentos desenvolvem-se dentro do meio acadêmico e, não obstante, para o meio acadêmico.

Contraposta às imposições das condutas morais vigentes impostas pela *modernidade* atual, vê-se nos atores e agentes do empenho religioso as facetas de uma ideologia que avança impondo-se contra a pressão esmagadora da vida social moderna. No cenário religioso brasileiro há um conflito entre o processo de modernização e a difusão da ciência e práticas de atores religiosos – líderes, ou mesmo pessoas comuns – empenhados em promover avanços de suas instituições quanto ao aumento do número de fiéis ou na conquista de maior espaço público, seja na política ou nos meios de comunicação.

Nesse sentido, o conflito entre os líderes religiosos de diferentes perspectivas tem promovido impasses, um tipo de *guerra santa* (CAMURÇA, 2009), aspecto que também encontra-se presente no meio acadêmico na forma de rituais religiosos com perfil conservador. No espaço público isso acaba por tornar-se um destaque rancoroso de uma nação aberta a todos as culturas, povos e credos; no espaço acadêmico, jorra como um ritual de uma moral considerada conservadora e ultrapassada, de jovens advindos de um mesmo vínculo a uma esfera social devidamente rotulada, deslocados de um contexto de modelo de juventude e emancipação social – também justificada e intimamente rotulada – profundamente ligado e argumentado ao momento daquilo que desenham em suas vidas pessoal e acadêmica.

O estudo realizado no período compreendido entre os anos de 2011 e 2012 compreendeu e identificou os meios por onde as religiões atuam dentro do espaço público da UEL, o agir ético-idealizado da religião sobre os jovens graduandos – presos entre dois mundos distintos de tendências intelecto-

burocratizadas –, e como a fé e a religiosidade influenciam suas ações frente à vida social no mundo moderno que os circunda.

Ao longo dessa investigação, foi possível identificar as ações e os atributos que levariam a clara percepção daquilo que comporia o objeto de pesquisa. Pelos corredores de acesso às salas de aula, nas entradas e nas saídas dos refeitórios e bibliotecas, ou mesmo prostrados em meio ao corredor central da universidade, folhetins e folders, livretos e jornais informativos de origem religiosa eram distribuídos ao transeunte.

Parte deste material, principalmente os folhetins e jornais distribuídos pelo *campus*, formaram um material de pesquisa abrangente e uniforme. Ao se analisar o conteúdo, o discurso objetivado e a estética, o público alvo apresentava-se despido: jovens estudantes dos cursos de graduação, recém ingressados ou não.

A análise do conteúdo dos textos, entretanto, demonstrou que não se tratava apenas de uma propaganda religiosa, o teor ali apresentado acessava no jovem aquilo que mais se fazia presente em sua atual condição de estudante, de um adulto em formação, de um não-adolescente. Questões como cultura, valores, personalidade, ética e responsabilidade apresentavam-se abordados de maneira sutil, porém direta e certa, àquilo que logo se tornou parte complementar do objeto de estudos dessa pesquisa: a religião em seus meios de ação proselitista.

O acesso ao material divulgado possibilitou a coleta de uma série de textos e publicações singulares que atuavam diretamente sobre o público alvo das formas mais particulares e pessoais, referente a convicções e ideais conservadores. Com o objeto de pesquisa desenhando suas linhas pelos corredores e passeios da universidade, e sob os olhos a problemática da realidade incandescente e ofuscante da *modernidade*, pode-se desenvolver as categorias iniciais para a análise do objeto.

A análise e a compreensão do material recolhido e selecionado seguiram, portanto, os seguintes passos: (a) leitura sistemática e integral dos textos esquadrihando a interpretação a partir da contribuição da análise do discurso (BAKHTIN, 2010; BRANDÃO, 2004); (b) observação *in loco* e pesquisa documental que permitissem a delimitação e identificação do público

alvo e os caminhos percorridos pelos atores e autores para delimitar seus objetivos específicos; (c) análise metódica das vias de interação social disposta dentro da instituição entre os alunos e os atores dos meios de difusão proselitista; (d) revisão dos materiais recolhidos para a pesquisa e posterior análise dos resultados.

Tencionando demonstrar a suposta existência proselitista atuante dentro do espaço público da universidade, dirigiu-se a observação e compreensão do *modus operandi* religioso, que emerge seus meios nas práticas da expressão de seu ideal catequizador sobre a forma mais relevante do discurso: agindo em diversos fronts sobre o jovem que se encontra em crise frente a novos desafios de uma vida adulta, naufragada em uma ética eclética, moderna, de ações e ideais relativos.

A propaganda religiosa, empregada de modo a apaziguar e solver tal crise, atua onde as massas modernas supostamente falham em gerenciar esse *pot-pourri* de relações sociais. A observância dos contrastes existentes entre a ética anexa ao ideal religioso e àquela vivenciada pelo jovem na *modernidade* sugere, portanto, uma busca mais aprimorada entre os conceitos e ideais presentes no *campus* que viabilize a compreensão dos meios atuantes na formação do jovem acadêmico e sua vivência no meio social universitário.

Recorrendo ao instrumento teórico weberiano, podemos encontrar referências ao caos dos meios participativos em que se encontram esses jovens graduandos dentro deste determinado espaço acadêmico e social; dentro da *modernidade* dos meios e vivências os quais estão inseridos; dentro da perspectiva de presente, ideal, e futuro.

Pois aqui também diferentes deuses lutam entre si, agora e para sempre. Tudo se passa como se [vivêssemos] no mundo antigo, mundo ainda não desencantado de seus deuses e demônios, só que em outro sentido [...]. Muitos dos antigos deuses, desencantados e doravante sob a forma de potências impessoais, emergem de seus túmulos, esforçam-se por ganhar poder sobre nossas vidas e novamente recomeçam sua eterna luta uns contra os outros. Mas o que se torna assim tão duro para o homem moderno, e mais duro ainda para as jovens gerações, é o estar à altura desse dia-a-dia. Toda busca de *experiência* provém dessa fraqueza. Pois fraqueza é: não ser capaz de olhar de frente, em seu severo semblante, o destino do [nosso] tempo (WEBER, 1972, p. 42-43).

Essa miscelânea de ideais contrastantes dos quais são bombardeados diariamente em seu cotidiano permiti-lhes escolhas confusas e análises

superficiais de suas perspectivas, semeadas e germinadas na esperança da vivência acadêmica no momento presente e para o futuro. Confusão esta que insere o jovem na perspectiva de um vórtice repleto de coalisões idealizadas, rotuladas, e de rituais devidamente exigidos por todas as partes envolvidas neste processo social. Das perspectivas de aceitação e ascensão em um grupo X, as interações e relacionamentos por determinados grupos Y; os modos de agir, pensar, se relacionar, e interagir na vida social acadêmica são determinados numa série de fatores tão sensíveis como discrepantes entre si.

Na atuação do proselitismo presente dentro dos muros da UEL pode-se observar o contraste das relações entre o secular e o tradicional, entre o ideal religioso e o expoente moderno, entre os atores dos círculos intelectuais e os meios de ação proselitistas; pode-se observar a inter-relação estrutural que se faz presente no dia-a-dia do estudante, das abordagens diretas e corriqueiras, dos vínculos de amizade, do meio social, entre outros eventos de cunho religioso que agem sobre o *campus* e que interagem – seja de forma ativa ou subjetiva – sobre os indivíduos, direta e indiretamente relacionados e/ou afetados por tais atuações.

Durante a pesquisa, foi possível destacar que a existência de uma religiosidade de matiz conservadora, datada equivocadamente como secularizada, está presente e atuante no meio acadêmico. Foi possível, também, elucidar que os elementos em destaque para essa contraposição ao moderno dá-se por meio dos agentes atuantes de maior abrangência – seja em número descrito ou atividade social – dentro do círculo acadêmico. É nos graduandos que o teorizado processo de secularização encontra seu maior entrave. Dentro da *modernidade* da vida acadêmica encontra-se resistente o contra-argumento a teoria secularizadora imposta à *modernidade*.

3.2 MODERNIDADE

O enfoque da pesquisa sobre o jovem graduando deu-se na perspectiva não apenas daqueles advindos imediatamente do processo vestibular (os recém ingressados no meio universitário), mas também naqueles que participam das atividades acadêmicas dentro dos recortes dos cursos de

graduação ofertados pela universidade. Apresentando ampla e notória maioria numérica, esses não-adolescentes são oriundos do ensino médio, onde passaram sua adolescência desenvolvendo as características e personalidades que o acompanharão durante sua vida adulta. São recém chegados à uma nova fase da conjuntura de seu desenvolvimento, precursores de sua própria experiência de vida.

O drama da vida social encontra o seu alvorecer precoce dentro dos muros da universidade. Oriundos de uma adolescência escrava de um sistema competitivo, individualista e meritocrático, de um amadurecimento forçado por uma sociedade exigente por consumir seus iguais, esses não-adolescentes embarcam em um navio acorrentado a um redemoinho de surpresas, decepções e desafios de exigências intransponíveis.

Daquilo que imaginam-se amadurecidos, logo veem-se corrompidos pela ameaça constante de uma interminável socialização juvenil: irremediável existência consumista adolescente alimentada pela falsa ideia de certo gozo pela pseudoliberalidade adquirida; um imediatismo de vínculos sociais fundados no hedonismo das partes outorgadas, uma resposta apta a demanda da maturidade semeada e exigida ao revés do indivíduo.

A ilustração mais notória advém da reprodução do caos que o sistema individualista moderno os afiança. Esse turbilhão, no qual o jovem encontra-se preso em seu dia-a-dia, demonstra-se intransponível em uma ótica reducionista mais simplória. Uma reprodução de fatos e escolhas sem perspectivas para além daquilo de que lhe é exigido e outorgado socialmente por seu meio de convívio.

Nesse domínio do face a face, a individualidade é afirmada e renegociada diariamente na atividade contínua da interação. Ser um indivíduo é aceitar uma responsabilidade inalienável pela direção e pelas consequências da interação. Tal responsabilidade não pode ser seriamente contemplada a menos que os atores tenham o direito presumido de escolher livremente o caminho a seguir. A livre escolha pode ser uma ficção (como os sociólogos tem declarado incansavelmente desde o nascimento da sociologia), mas a presunção do direito de escolher livremente transforma essa ficção numa realidade do *Lebenswelt* – num fato social durkheimiano, real no sentido de uma pressão esmagadora equipada com recompensas irresistíveis, que não pode ser eliminada pelo desejo ou pela argumentação, muito menos rechaçada ou ignorada impunemente. Quer seja livre ou não a escolha, o preceito de escolher livremente e de definir todas as ações como resultado dessa não é, com toda certeza, uma questão individual (BAUMAN, 2009, p. 32-33).

Essa força esmagadora que move as escolhas e a conduta deste recém-chegado adulto do mundo moderno não se permite negligenciar. Os fatores que corrompem suas determinações, exigindo e alienando, esforçam-se por tornarem-se legítimos. As recompensas desta pressão tornam-se o fato mais sovina a ser desenvolvido dentro de sua própria cadeia de reproduções. O jovem estudante, o graduando, entrega-se ao fato, ao convívio, as suas escolhas, sem necessidade de um questionamento ulterior; entrega-se ao turbilhão do advento de sua própria curta história.

Dentro das expectativas do mundo acadêmico, a falsa piedade é esquecida. As demandas do mundo adulto se fazem imediatas. A cobrança por uma seriedade ordeira e burocrática, de uma personalidade competitiva, criada e preparada na velocidade ímpar de sua adolescência no ávido mundo moderno, se faz confusa à vida contemplada. A demanda da produtividade desenhada à prestação, e das responsabilidades exigidas a cada escusa esquina, é um fardo deveras pesado para uma vida de imediatismos socialmente amparados na ideia de uma liberdade recém-adquirida e outorgada pelos meios orbitantes da vida social do estudante de graduação.

Intentando sobreviver a essa miscelânea de relações díspares, de vínculos e ações difusas, a esse imediatismo de mutações inconstantes e valores relativizados, é possível perceber como as relações estruturais modernas conduzem o graduando, dentro da esfera da vida pessoal-acadêmica, esbarrando e estagnando na busca por respostas consistentes aos descaminhos irregulares, desconexos e líquidos, desenhados pelo atual aspecto da *modernidade*.

A relação atribuída à identidade religiosa contrafaz a inserção e interação do estudante em uma relação de *solidez* societária possibilitada pelo contato com o sagrado. As certezas, oriundas da vivência religiosa dissimulam esse apanhado disforme de relações entre indivíduos presentes em um mesmo grupo – com vivências, questionamentos, e experiências semelhantes para com as incertezas desenhadas pela *modernidade* – atribuindo a si relações identitárias, relacionadas às doutrinas apregoadas pelas certezas dogmáticas que encontram nas reuniões e outras manifestações religiosas difundidas e realizadas no *campus*.

Baseando-se nas características atribuídas a atual *modernidade* por Zygmunt Bauman, é possível estabelecer relações dispares que diferem inversamente do processo conceitual de liquidez proposto pelo autor. Esta não ocorre diretamente controversa, negando as características relacionais e as motivações teórico-conceituais a que se dispõe o conceito trabalhado de *modernidade* liquefeita. Trata-se, no entanto, de uma resposta as sinuosidades relacionais e as disposições características do conceito evidenciado pelo autor.

As relações dispostas em uma *modernidade* sólida derivam das relações de liquidez contextualizadas e referenciadas à uma *modernidade* subsistente.

Na verdade, nenhum molde foi quebrado sem que fosse substituído por outro; as pessoas foram libertadas de suas velhas gaiolas apenas para ser admoestadas e censuradas caso não conseguissem se realocar, através de seus próprios esforços dedicados, contínuos e verdadeiramente infundáveis, nos nichos pré-fabricados da nova ordem [...]. A tarefa dos indivíduos livres era usar sua nova liberdade para encontrar o nicho apropriado e ali se acomodar, se adaptar: seguindo fielmente as regras e modos de conduta identificados como corretos e apropriados para aquele lugar (BAUMAN, 2001, p. 14).

Essa simples ideia de *lugar* atribui a condição humana destaque mais notório do que o relativo espectro de localidade geograficamente definida. A condicionalidade do jovem às suas novas atribuições e responsabilidades da imediação de uma vida adulta – a emergência das relações humanas e a das novas retóricas que se estabelecem no imediatismo dessa novas categorias de responsabilidades – encarecem a relação abstrata de lugar, num sentido de pertencer, de reconhecer, numa afetividade diretamente relacionada à aspectos vivenciais.

Não mais como uma localidade com um ponto fixo e existente em meio físico, o lugar passa a ser o decurso relativo de uma vida adulta, de imediatismos relacionados e abastecidos pelos desafios que, tanto a maturidade exigida como os aspectos da *modernidade*, se empenham em embaraçar-se e perder-se no decurso generalista em um vórtice de relações conflitantes e confusas.

A problemática dessa nova *modernidade* se evidencia quando os moldes e os padrões não satisfazem majoritariamente as exigências atribuídas

ao indivíduo, sendo que, os padrões, antes facilmente identificáveis, passam, momento a momento, a serem obscurecidos no limiar da constante mudança, do instante, da própria *modernidade* em seu caráter fluido e liquefeito.

Hoje, os padrões e configurações não são mais dados, e menos ainda autoevidentes; eles são muitos, chocando-se entre si e contradizendo-se em seus comandos conflitantes, de tal forma que todos e cada um foram desprovidos de boa parte de seus poderes de coercitivamente compelir e restringir. E eles mudaram de natureza e foram reclassificados de acordo: como itens no inventário das tarefas individuais. Em vez de preceder a política-vida e emoldurar seu curso futuro, eles devem segui-la (derivar dela), pra serem formados e reformados por suas flexões e torções (BAUMAN, 2001, p. 15).

As desventuras de um mundo pós-moderno – das relações liquefeitas, individuais e instantâneas – direcionam as perspectivas e a busca por respostas a uma solidez ainda encontrada nos dogmas e certezas dispostas na religiosidade e no convívio com o religioso e o sagrado. É nessa realidade controversa que o graduando dispõem-se a buscar respostas nas religiosidades como forma de apaziguar a confusão de miscelâneas e diversidades, de insegurança e relatividades, presentes nos desafios e paradigmas contidos e apresentados pela *modernidade*.

Analogicamente, portanto, uma *modernidade* sólida seria aquela em que encontram-se presentes certos conjuntos estáveis de valores. Na *modernidade* líquida há a volatilidade dessas mesmas conjunturas; as relações sociais não encontram-se mais definidas, perde-se a consistência e a estabilidade das relações sociais antes tidas como imutáveis certezas. Para Zygmunt Bauman, a sociedade

líquido-moderna é uma sociedade em que as condições sob as quais as ações de seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir. [...] numa sociedade líquido-moderna, as realizações individuais não podem solidificar-se em posses permanentes porque, em um piscar de olhos, os ativos se transformam em passivos, e as capacidades, em incapacidades (BAUMAN, 2009, p. 7).

Essa solidez apresenta-se conceitualmente derivada dos atributos próprios de uma sociedade liquefeita, ultrapassando as relações individuais superficializadas na emergência de uma vida adulta instantânea, de suas responsabilidades recém atribuídas e de desafios imediatos de independência a uma pós-adolescência inacabada, inconclusa. É nesse limiar de relações

exigidas e estabelecidas pelo convívio em uma sociedade de valores relativizados que a religiosidade age defronte o jovem: na busca de respostas essencialmente assertivas, de certezas imutáveis; na formação de um processo identitário que possibilite a compreensão e a sobrevivência numa sociedade onde os valores relativizados encontram-se numa constante mutação de incertezas paradigmáticas instantâneas.

3.3 PROSELITISMO DESENHADO

Com a finalidade de elaborar um repertório analítico sobre as relações entre a presença religiosa no interior do *campus*, os vínculos sociais modernos, e a construção da identidade religiosa – a partir dos grupos estudantis de estudo e auxílio, e de práticas de proselitismo religioso que encontram-se presentes na UEL – optou-se por uma abordagem metodológica que possibilitasse a compreensão e a análise baseada no discurso, na experiência etnográfica, na possibilidade da análise, tanto subjetiva quanto objetiva, do material coletado e desenvolvido no decorrer da investigação.

A princípio, durante o período de recorte proposto para a pesquisa, pôde-se observar e coletar um amplo material de estudo focado no proselitismo de origem Cristã (Católico Apostólico Romano). Os folders, os cartazes, os cartões, os folhetins, os convites para reuniões de estudos bíblicos, e mesmo algumas celebrações de cultos e ritos no interior do espaço público, somaram as fontes teórico-documentais para a análise do objeto.

Com o início do ano letivo e a volta do fluxo intenso na circulação de pessoas pelos corredores, foi possível notar uma forma de ação mais diretiva quanto a divulgação do material de origem proselitista e quanto ao empenho dos seus atores em fazê-lo. Posicionados em pontos estratégicos, cartazes com frases diretas – *Está perdido na UEL?* – podiam ser encontrados prostrados em caixas ou em plaquetas nos corredores de acesso as salas de aula, no passeio principal, e/ou no pátio do Restaurante Universitário (RU). O material contido nas caixas e distribuído pelas pessoas envolvidas continha, além de um mapa do *campus*, informações sobre a Aliança Bíblica Universitária

do Brasil (ABUB)² e um convite para conhecer e participar das reuniões de estudos bíblicos que ocorrem periodicamente no *campus*.

As reuniões de estudo bíblico organizados pelos estudantes vinculados a ABUB, que com seu lema *estudante alcançando estudante* destaca-se como meio atuante proselitista mais diretivo a se observar dentro da universidade. Suas reuniões de estudo semanais ocorrem geralmente no cerne da capela, mas também ocorrem – ao menos uma vez na semana – próximo ao pátio do RU que fica localizado no centro da universidade. O acesso ao estudante apresenta-se de forma direta: face-a-face, estudante-estudante; ou de forma indireta: folders, cartazes, cartões e/ou convites espalhados em locais estratégicos pelo *campus* (passeios, corredores, salas de aula e adjacências), que convidam os interessados a participar do convívio religioso. No primeiro semestre de 2011 era possível encontrar também um periódico distribuído gratuitamente aos estudantes: o Boletim Universitário, que tornou-se o dado da realidade que possibilitou um estudo mais aprofundado, como será descrito no decorrer da investigação.

A intencionalidade presente na frase *Está perdido na UEL?* não condiz tão-somente com a ilustração do mapa do *campus*. Tal questionamento está subordinado às informações sobre a ABUB contidas no folder, principalmente naquilo que simula a comunicação de um convite apresentado de forma direta e intencional ao graduando – todo convite é uma ação de intencionalidades diretas. Desenhado nessa ação proposital, pôde-se averiguar a contraposição entre o moderno e o religioso na observação, coleta e análise dos meios de ação proselitista e como essas ações possuem a capacidade de influenciar os alunos dos cursos de graduação.

Outras formas de convites, como alguns cartazes encontrados também pelos corredores e passeios, convidando para celebrações eucarísticas a realizarem-se no espaço das residências destinadas aos estudantes – presentes no entorno do *campus* – também puderam ser observadas no decorrer do

² A Aliança Bíblica Universitária do Brasil (ABUB) é uma organização missionária evangélica que existe para compartilhar o Evangelho de Jesus Cristo nas escolas e universidades brasileiras, através da iniciativa dos próprios estudantes. O treinamento e formação de estudantes e profissionais, visando o testemunho cristão e o serviço à Igreja e à sociedade, completam nossa missão.” FONTE: ABUB. Aliança Bíblica Universitária do Brasil: Quem somos. Disponível em: <<http://www.abub.org.br/quem-somos>>. Acessado em set. de 2012.

período destinado a pesquisa, e além deste, de forma esporádica. Exceto algumas raras celebrações de cultos que ocorreram na Capela Ecumênica, no interior da universidade, afora a distribuição de convites e folders, encontrou-se no folheto informativo nominado de Boletim Universitário o material de pesquisa teórico mais consistente a ser analisado sob o enfoque do proselitismo presente nos meios acadêmicos.

Destacando-se particularmente o ano de 2011, qualquer pessoa que porventura tenha caminhado pelos passeios e corredores da universidade, ou mesmo fez uma de suas refeições diárias no RU, provavelmente, em algum momento, tenha sido abordada ou se deparou com algumas pessoas distribuindo gratuitamente algum exemplar do Boletim Universitário. Tal periódico continha textos, pseudo-artigos repletos de opiniões sobre eventos cotidianos e informações que traduziam com intensidade eventos corriqueiros e dissimulações encontradas em processos sociais rotineiros. Posteriormente acuado após ter um dos seus artigos publicados acusado de homofobia, o periódico deixou de circular na sua versão impressa e teve o seu domínio virtual restrito³.

Ao analisar-se os meios empregados na divulgação deste material no interior do *campus*, pôde-se constatar que, no exemplar de maio de 2011, o artigo de capa apresentava referências a utilização e ao incentivo à prática proselitista por parte dos graduandos como forma de apoio aos meios catequizadores e à influência religiosa dentro do espaço acadêmico. Como forma de justificativa e incentivo para tal exercício, a utilização de argumentos que contrapõe a moral filosófica religiosa frente às imposições e pressões da *modernidade*, direciona a atuação coercitiva sobre o graduando.

Os exemplos utilizados na argumentação principal, como justificativa contextual a prática proselitista, denotam a atuação da ética e moral religiosa

³ Esse periódico podia ser encontrado online no endereço virtual gratuito <http://valoresecultura.blogspot.com>. Em setembro de 2011, o periódico de nº 7 do Boletim Universitário foi distribuído pelo *campus* da UEL contendo um texto que trazia a seguinte passagem: “*Essas uniões homossexuais, de fato, são contra a natureza. A atração que certos indivíduos sentem por pessoas do mesmo sexo é uma anormalidade; é como se fosse uma doença*”. Após a divulgação deste conteúdo o Ministério Público Federal instaurou um inquérito para apurar os responsáveis pela elaboração e distribuição de tal periódico. Movimentos de repúdio as afirmações acima citadas também puderam ser observados nos dias subsequentes, como foi o caso do protesto intitulado “Beijaço contra a homofobia”, ocorrido em 28 de setembro de 2011, no pátio do Restaurante Universitário (RU/UEL).

– conservadora de base dogmática – nas desgastadas estruturas modernas do individualismo, na “*degradação de vazios de valores*” e da perda de solidez em estruturas de moralidade que, anteriormente, eram amplamente difundidas, idealizadas, e executadas pela autoridade religiosa – seja na coerção pelo meio social ou na figura própria do indivíduo. A alusão ao qual referência o autor às “*guerras, as injustiças, as ‘estruturas de pecado’ que podem parecer inevitáveis e impossíveis de serem erradicadas do mundo complexo em que vivemos*” e ainda, “*o relativismo cultural e moral que faz perder o sentido da busca e da existência da verdade*” (Boletim Universitário, maio-2011, p. 1) evidenciam a cadência crítica às situações e disfunções do mundo moderno e dos abismos a que a *modernidade* cria e submete a sociedade em seu todo, seu passado, e sua ruptura de tradições.

Em deferência as fissuras existentes na *modernidade*, que afastam vastamente a sociedade das estruturas solidamente fundamentada na moral religiosa, o apelo passa a existir na sua forma tragicômica, como uma centelha de esperança no meio de uma confusa realidade avarenta.

Entretanto o mundo, apesar dos motivos de tristeza, apresenta-nos também motivos de alegria e esperança. Há sementes de vida, verdade e amor, muitas vezes silenciosas, que as pessoas de boa vontade cultivam em todos os cantos, constituindo o Reino de Deus, que é de amor e paz. Perseguições, problemas, sofrimentos e injustiças são realidades muito tristes e tocam a sensibilidade humana. Mas são fatos, que nós devemos enfrentar e procurar supera-los. Estamos convencidos de que atualmente faz falta fortalecer uma grande mensagem de esperança! Uma mensagem na qual todos os homens possam sentir-se unidos numa grande missão de desenvolvimento, amor e solidariedade. Esta mensagem de esperança é o próprio Cristo! Quem a encontra, e passa a vive-la e a transmiti-la, faz experiência do próprio Cristo e nele tudo pode advir: a paz, a justiça, o amor, o crescimento humano e espiritual das pessoas e de sociedades inteiras. Como, no entanto, difundir essa mensagem se não houver quem a anuncie? (Boletim Universitário, maio-2011, p. 1).

Ao longo da passagem supracitada, é possível identificar como os argumentos utilizados pelo autor procuram penetrar por entre os veios confusos daquilo que hoje, acredita-se, sejam os aspectos inerentes do mundo moderno. Todo aquele panorama que o jovem graduando vislumbra, dentro de seu mundo acadêmico e pessoal, está desenhado como o vislumbre das injustiças e inverdades que este encontra ao saltar entre as rupturas de seu mundo pós-adolescente.

Este tempo presente, encarcerado neste mundo líquido, questionador dos valores e das tradições de um passado recente, de inúmeros exemplos ímpares de autonomia, anomia e falsa liberdade, de contradições individualistas na busca pela personificação da própria liberdade e do existir, perfaz as “*estruturas de pecado*” a que recorre o autor – enfaticamente personalista – para dar argumento a prática proselitista; para convencer o jovem de que a esperança de um mundo sólido, de verdades concretas e padrões morais bem definidos virá, sobre o cavalo alado da vida e moral religiosa, resgata-lo dessa confusa tempestuosa realidade.

As pesquisas no âmbito da temática proselitista possibilitaram compreender como, e de que forma, a religiosidade procura infiltrar-se por dentre as características difusas de uma *modernidade* substancialmente confusa, atuando sobre as perspectivas e desventuras (desafios, diversidades, infortúnios, infelicidades) do processo de amadurecimento e desenvolvimento do indivíduo no contexto moderno. As investigações desenvolvidas nessa conjuntura vieram a suscitar pertinentes dúvidas e relacionados questionamentos sobre o processo de formação da identidade, motivação coletiva e/ou individual, dentre os processos de secularização e dessecularização previamente analisados no interior do *campus* e em suas circunvizinhanças.

4 TRABALHO DE CAMPO

Dados gerais, captados a partir de pesquisas anteriormente realizadas por disciplinas curriculares, revelam um mapa da realidade da presença religiosa no *campus* dessa universidade. Os números compreendem a um questionário aplicado a 577 estudantes de oito dos nove centros de estudo presentes na universidade (CLCH, CECA, CESA, CCA, CEFD, CTU, CCB, CCE), compreendendo cerca de pouco mais de 4% de toda a comunidade.

Compreendidos, em sua maioria, em uma faixa etária que varia entre 20 e 24 anos (59,27% do total avaliado na pesquisa), a relação entre a presença da religiosidade dentre os estudantes que compuseram a totalidade dessa pesquisa, contraposto aos dados relativos àqueles que se declaram sem religião (ou que não apresentaram resposta à pergunta estipulada), revela uma propositiva discrepância quanto aos dados ilustrativos a perspectiva religiosa nacional. No quadro 2, a seguir, apresentam-se as relações numéricas e percentuais das denominações religiosas aferidas durante a pesquisa.

Quadro 2. Números relativos as denominações religiosas presentes na UEL (2010).

DENOMINAÇÕES RELIGIOSAS	RESPOSTAS AFERIDAS	PERCENTUAL AVALIADO
Católica	271	47%
Evangélica	75	13%
Espírita	29	5%
Religiões afro-brasileiras	4	1%
Judaica	0	0%
Islâmica	0	0%
Outras denominações	22	4%
Sem religião	165	29%
Sem resposta	11	2%

Fonte: Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas (CLCH), Disciplina-1SOC714. 2010.

Apesar da baixa projeção dos dados da pesquisa, é possível trabalhá-los complementando as análises a partir do trabalho de campo, focando sobre um grupamento específico, possibilitando compreender como os aspectos e modernos de incertezas relativizadas influenciam na relação de certezas dogmáticas representado pela religião e pela religiosidade. Nota-se que, mesmo que a quantidade daqueles que se declararam não possuir religião, apresentam-se em uma posição inferior a quantidade de pessoas que declararam possuir algum vínculo religioso (31% e 69%, respectivamente).

Essa característica fundamental denota que a presença religiosa na UEL possui – ainda que em consoante variação com os dados nacionais apresentados – uma relevância e influência sobre o graduando que não se permite ser desprezada. A partir da necessidade em aferir-se demais dados necessários, a proposta de um trabalho de campo focado no estudo sobre um grupamento específico (visto os fatores limitantes da pesquisa e do próprio pesquisador) faz-se necessário para compreender a presença, as estruturas e qualificações, as inferências e influências, das religiões e da religiosidades no *campus* da UEL.

4.1 CARACTERÍSTICAS DO CAMPO

Com o intento em desenvolver as investigações acerca da temática para além da exegese proselitista, buscou-se uma perspectiva que abrangesse e evidenciasse as particularidades subjetivadas dos grupamentos que organizam, executam, e participam de reuniões – no interior do *campus* – sob a perspectiva da temática religiosa. Para tanto, selecionar o método analítico a ser empregado na execução dos trabalhos é primordial para a obtenção de resultados proeminentes, aquém de puras descrições detalhadas acerca dos fatores observáveis, ou puro dialogismo entre as partes envolvidas (pesquisador/objeto).

Utilizar-se da função dialógica nos procedimentos tradicionais da entrevista, seja ela dirigida ou não, permitiria uma expectativa que poderia sugerir um patamar igualitário entre o pesquisador e seu objeto. Esse método de coleta dos dados, apesar de instituir um ambiente partilhado entre ambos

os interlocutores, afunila e obscurece os detalhes intrínsecos restritos a observância e análise dos signos, das estruturas ritualísticas, e dos sentimentos compartilhados entre os membros participantes dos grupamentos específicos selecionados para a pesquisa.

A pesquisa participativa, munida da observação participante, possibilitou a inserção do pesquisador ao grupo analisado sob um viés de compreensão e abstração, percepção e coerência. A utilização de elementos da etnografia, de técnicas de notação, descrição e interpretação, se alinham a determinações dinâmicas desenvolvidas processualmente pelo objeto em seu ambiente e suas singularidades, podendo ser categorizadas, catalogadas e analisadas as liminaridades perceptíveis e descritivas, assim com as subliminaridades significantes dos ritos sob o qual se estruturam as reuniões escolhidas para compor a pesquisa.

Na realização do empreendimento etnográfico há, portanto, um paradoxo que se manifesta quando se pede ao antropólogo que utilize os recursos disponíveis de sua sensibilidade para introjetar em si mesmo os significados da cultura que investiga e, por outro lado, em nome da objetividade e das formas legítimas de representação acadêmica, pede-se que esta experiência seja colocada sob padrões que em geral deixam de lado importantes dimensões destes significados. Acompanha esse paradoxo o equívoco de se postular para a representação etnográfica níveis autônomos de apreensão da realidade. Mesmo que os antropólogos estejam conscientes de que os fatos não falam por si mesmos, conforme defendeu Malinowski, as etnografias pretendem que os documentos apresentados, as descrições, possam ser referidos como *fatos brutos*, não contaminados pelo uso interpretativo que se quer fazer deles. Como se a própria descrição, ou os elementos como os quais a compomos, já não fosse em si mesma uma forma de interpretação da realidade (SILVA, 2000, p. 121-122).

A exposição dos fatos não permanece restrita a simples análise descritiva. O que se propõe no decurso da utilização dos elementos antropológicos para a observação, coleta e análise dos dados, nada mais é do que um modelo consistente que permita uma interpretação consciente de todo o espectro de significados e significâncias, das estruturas, e dos processos objetivados e subjetivados que venham a interpretar e representar partes possíveis do todo compreendido pela pesquisa. Citando Vagner Gonçalves da Silva, a partir das afirmações de José Carlos Magnani, “a etnografia não é mera descrição ou recolha de dados a serem posteriormente trabalhados: o que se

observa, e a forma como se ordenam as primeiras observações, já obedecem algum tipo de classificação” (SILVA, 2000, p. 122).

Preliminarmente, optou-se por um contato indireto com o primeiro grupamento a tornar-se o objeto dessa pesquisa (ABUB). Com a necessidade de apresentar-lhes um modelo subjetivado na iniciativas das interpretações – que não gerasse dúvidas e/ou desconfiança, por parte dos integrantes, quanto ao teor da pesquisa em curso –, e não compromettesse a validade dos dados observáveis, optou-se, em um primeiro momento, pela iniciativa de um contato formal, indireto e virtual, que propiciaria uma primária relação passiva entre as partes envolvidas no processo de pesquisa (pesquisador e objeto).

No decorrer da tentativa de um primeiro contato com o grupo, realizou-se um levantamento bibliográfico para que se delimitasse a temática abordada nas reuniões, os objetivos específicos primários e secundários, assim como os locais e os horários de reuniões. Entretanto, a [não] resposta ao primeiro contato ocorreu de forma frustrante, o que denotaria um obstáculo a pesquisa participante focada nesse grupo que, num primeiro momento, obstruía o trabalho de campo nas premissas de uma pesquisa etnográfica que dependia, essencialmente, do processo de interação entre as partes.

Contudo, a análise do material bibliográfico coletado demonstrou uma ênfase acerca de conteúdo principalmente voltado para o modelo proselitista, nos moldes apresentados de inserção do discurso para um interlocutor passivo-ativo específico. A fonte bibliográfica apresentava-se vinculada as percepções da pesquisa sobre um outro aspecto já abordado. Iniciou-se portanto um processo de observação prévia dos enfoques discursivos apresentados nas reuniões do grupo, porém sem nenhum processo de interação entre as partes envolvidas.

As reuniões de estudos a Bíblia, realizadas pelo grupo da ABUB dão-se nas proximidades do RU, sempre às quintas-feiras, no entorno do meio-dia, com uma duração média de meia-hora por reunião. O grupo é identificável pela instalação de uma pequena lona azul em um espaço do jardim que circunda o local – elemento referencial para as reuniões.

Nas observações preliminares, foi possível notar as formas de interação com que os integrantes iniciam os contatos anteriores a formação

específica do grupamento e da reunião. Individualmente ou em pares, passam a se agrupar progressivamente antes do início das atividades, em sua maioria, ainda no pátio principal frente à entrada do restaurante. O grupamento, quando formado, parece compreender a uma cadência fixa de indivíduos; as observações, ainda que a relativa distância, possibilitaram a apreensão de uma ênfase teórica nos estudos desenvolvidos com o auxílio do material folclórico de ênfase teórico-religiosa (Bíblia). Como referência à experiência de trabalho etnográfico, esse processo de observação mostrou-se, apesar de deveras informativo, malgrado quanto à interação prática e/ou dinâmica entre os indivíduos componentes do grupo.

Partindo dessas observações preliminares, tornou-se necessário ao enfoque da pesquisa buscar um novo grupamento que condissesse com os objetivos esperados para a pesquisa participativa, possibilitando o desenvolvimento dos trabalhos etnográficos, na forma e nos aspectos inicialmente tencionados, quanto à interação entre as partes no interior do próprio grupo. Na impossibilidade de trabalhar-se com as interações – na pretendida forma objetivada – por meio do grupo previamente selecionado, optou-se por uma mudança de abordagem, não quanto ao método utilizado para a pesquisa etnográfica, mas referente ao grupo em análise e as formas objetivadas para a obtenção dos resultados.

4.2 PERCEPÇÕES SOBRE O OBJETO

Iniciando a investigação sobre os possíveis locais onde demais encontros de cunho religioso – de grupos com a ênfase na temática religiosa – poderiam ser realizados no interior do *campus*, em um primeiro momento, buscou-se nas proximidades óbvias dos possíveis ícones religiosos existentes na universidade. Referencialmente, no espaço da réplica da primeira capela construída na cidade de Londrina, foi possível encontrar reunidos nove estudantes do sexo masculino e seis do sexo feminino, pertencentes ao Grupo de Oração Universitário (GOU).

O GOU é um grupamento de matiz católica, pertencente a Renovação Católica Carismática do Brasil, correlacionado a um projeto de âmbito nacional

coordenado pelo Movimento Universidades Renovadas (MUR). Possui como público-alvo principal estudantes universitários e, segundo dados da organização, possuem aproximadamente seiscentos grupos atuantes no país. Operam a partir de processos dinâmicos e temáticos, possibilitando ações específicas elaboradas a partir do contexto o qual estão inseridos. São diretamente coordenados pelos próprios universitários, que são responsáveis pela organização e realização das reuniões, que são realizadas no meio acadêmico, ou mesmo nas adjacências do *campus* universitário.

A princípio, numa percepção inicial a partir da intenção de se observar a divisão estrutural das reuniões, foi possível acompanhar o seguinte ordenamento esquemático dos trabalhos desenvolvidos para aquela reunião: (1) prelúdio; (2) cânticos de louvor ritmados por instrumentos musicais e entrosamento contínuo com o uso de coreografia; (3) orações positivadas destinadas à integrantes específicos; (4) objetivos específicos referenciais a presente reunião; (5) utilização de teatralidade na composição da temática trabalhada, com intervenções e inferências dedutivo-explicativas, auxiliadas pelo uso analógico de eventos cotidianos; (6) oração de encerramento com características ritualísticas católicas.

A divisão esquemática desta primeira reunião mostrou-se primordial quanto aos aspectos observáveis que se desenvolveriam ao longo da pesquisa. A roteirização da estrutura demonstrou uma assertiva rotina quanto aos aspectos principais relativos a usualidade das reuniões, pouco variando sua estrutura ao longo das demais reuniões. Acompanhando as subseqüentes reuniões ao longo do período determinado para a observação, pôde-se subdividi-las em processos específicos e ordená-los a partir das ações e dos encaminhamentos celebrados entre os organizadores e os membros atuantes (ativos ou passivos) pertencentes ao grupamento.

A teatralidade, ou recursos derivados usualmente utilizados pelo grupo, possibilita a interação e inserção dos membros participante (novatos ou veteranos) às temáticas abordadas para a presente reunião. Apesar da importância também relegada as demais subdivisões da reunião, é este o momento de maior entusiasmo entre os participantes, de maior trabalho na elaboração e realização, e de maior proeminência objetiva de toda a reunião.

Utilizando-se dos temas performáticos presentes nas encenações tradicionais utilizados na encenação da *Paixão de Cristo* – como uma celebração católica tradicional –, a temática abordada apresentava elementos do cotidiano dos estudantes; vinculavam as relações precedentes na história tradicional à relações cotidianas vivenciadas pelos graduandos no meio acadêmico. A utilização das esferas do cotidiano social passaram a ser empregados como meio de se evidenciar as relações entre o sagrado, na presença da necessidade de certezas dogmáticas, que influenciem os aspectos insurgentes [modernos] da vida e da rotina do indivíduo.

A utilização desses elementos mundanos intercalados com os ritos religiosos tradicionais, no entanto, não interferem na estrutura compreendida pelo sagrado. Ao trazer para o meio religioso os problemas e as vicissitudes do convívio social moderno – os problemas e as abstrações proeminentes da sociedade moderna – os ritos passam a inferir sobre certa legitimidade imagética quanto às perspectivas e percepções, expectativas e apreensões, dos indivíduos presentes na reunião. Ademais,

por mais onipresente que seja a religião, uma esfera de liberdade profana é sempre preservada pelo jogo de uma exigência de correlação o mesmo tempo lógica e psicológica, pois o sagrado só adquire sentido na perspectiva do profano; e o homem só pode conceber o poder sagrado comparando-o com o seu próprio poder – é porque ele às vezes triunfa que supõe um ser que possa triunfar onde ele fracassa; a experiência de uma ordem e de uma atividade imanentes é necessária para chegar a postular a existência de uma atividade e de uma ordem transcendentales (LABURTHE-TOLRA, 1997, p. 215).

A relação imagética dada a esse processo de teatralidade denota a associação necessária entre os aspectos sociais evidenciados como uma problemática fundamental, presente no roteiro previamente estruturado, em contraste à solidez de relações – de certezas no processo social cotidiano –, evidenciando tal como a busca de determinados elementos de confiança presentes no cerne dogmático existente nos matizes religiosos tradicionais. A temática desenvolvida a cada etapa da performance apresentada recobrava elementos e aspectos encontrados pelos indivíduos no convívio do meio acadêmico, assim como os desprendimentos das relações societárias cotidianas presentes na *modernidade*.

4.3 PERCEPÇÕES SOBRE O SUJEITO

Para que a execução adequada, dentre os elementos propostos para a pesquisa de campo, possibilitasse a apreensão necessária ao estudo desenvolvido nesse trabalho, fez-se necessário estabelecer parâmetros de análise (bases e limites) referentes a relação metodológica vinculada ao objeto. Definindo-se as características básicas da observação participante, os instrumentos escolhidos para análise definiram os materiais e a abordagem utilizada na coleta dos dados: a utilização de uma caderneta de campo (para anotações primárias), seguida por um diário de campo posteriormente elaborado, para redação e desenvolvimento das anotações, do material coletado e dos elementos e detalhes observáveis durante reuniões do grupo.

A estrutura da reunião apresenta sutis mudanças de acordo com a temática abordada a cada semana. Porém, a estrutura básica permanece relativamente inalterada, os vínculos e ações de alguns dos participantes mantêm-se apresentando características funcionais durante todas as reuniões. Outros processos dinâmicos, no entanto, (como o uso inconstante da teatralidade, por exemplo) se alteraram, compondo um processo intuitivo quanto a existência de uma rotina relativizada, onde cada componente compreende o seu papel atribuído – de desempenho passivo ou ativo – dentro dos objetivos da reunião.

Optou-se por caracterizar essa etapa de pesquisa a partir das particularidades do grupamento específico, dado a natureza específica das denominações religiosas presentes nas reuniões e a sua quantidade e a qualificação dos membros participantes. As temáticas, apesar de abrangerem as hipóteses formuladas no processo de desenvolvimento deste trabalho, apresentam vínculos relativizados quanto aos aspectos gerais da realidade em uma amplitude sutil e simulada.

4.3.1 Dados comparados

Os dados gerais e específicos referentes a origem da religiosidade presente entre os graduandos são passíveis de comparações relativas,

possibilitando, assim, verificar as reminiscências do processo de desenvolvimento do jovem em sociedade. Não se trata, como equivocadamente poder-se-ia supor, de uma influência religiosa diretamente direcionada pela instituição de ensino, mas sim de influências anteriores – concomitantemente presentes nos aspectos catequizantes do proselitismo atuante – que abastece, direta ou indiretamente, a busca por respostas no processo religioso.

Referenciando-se pela pesquisa de âmbito geral realizada com os 577 estudantes, quando questionado sobre a perspectiva da convivência na universidade e a influência desta na religiosidade atribuída aos indivíduos presentes na pesquisa, os dados apresentaram-se díspares em relação ao esperado. Aqueles que relatam não terem o interesse religioso influenciado pela convivência na universidade, somado àqueles que relatam terem o mesmo diminuído, perfazem um total de 64%. Apenas 5,7% relatam terem o interesse religioso aumentado pelo seu convívio na universidade, enquanto 30,3% optaram por não responder ao questionamento. De fato, esses números adversos instigam mais perguntas em relação a influência da religião sobre o estudante.

Para os dados gerais, avaliados na pesquisa realizada com 577 graduandos da universidade, a influência religiosa advinda da tradição familiar aparece em 65% das respostas; enquanto, na pesquisa específica realizada por estudantes do curso de Serviço Social da UEL, os dados referentes a influência da tradição familiar aparecem em 62% do total aferido. O número dos estudantes do GOU que compuseram essa pesquisa é muito baixo (treze estudantes apenas), o que caracteriza apenas uma parcela relativa de 2,25% dos estudantes que compõem a pesquisa anteriormente realizada (ou ainda 0,1% dos estudantes de graduação da universidade).

O tempo de frequência e a regularidade da frequência a cultos e práticas religiosas (regulares e/ou esporádicos) ajudam a identificar a disposição da presença e influência religiosa no *campus*. Enquanto 10 dos 13 estudantes pertencentes ao GOU (76% do total) relataram sempre terem frequentado igrejas ou cultos e, com a frequência da participação e presença em igrejas ou cultos abrange quase a totalidade dos pesquisados (apenas uma pessoa optou por não responder a questão), é possível verificar dois aspectos.

Primeiramente, o tempo de frequência denota a influência da tradição familiar sobre os membros do grupo. Segundo, que na verificação dos dados da frequência (regular e/ou esporádica) apresentada nos dados gerais, o total de 319 pessoas (55%) participam de práticas religiosas de alguma igreja ou culto – esporadicamente 152 (26%); regularmente 167 (29%) –, o que possibilita perceber que há uma presença e influência religiosa existente na universidade, porém não nos moldes liminares atribuídos a uma influência direta do convívio ou da instituição.

5 REDENÇÃO

A busca por respostas as questões ético-idealizadas, suscitadas pela *modernidade* em contraposição ao religioso, necessita de retornos menos extenuados. Em meio ao furor insaciável de uma *modernidade* que exige e condena, entregue e ancorado em seu meio, na busca pelas recompensas de seus atos, o pensamento laico é insuficiente. A *modernidade* passa a não possuir a autonomia necessária para ceder às repostas a questões mais íntimas, complexas, imediatas e/ou subjetivas. Esse desencantamento reconstrói os passos da tradição religiosa, antes amparada apenas pela aparente memória secular.

O apego a adquirida religiosidade se faz em momento oportuno, de puro comedimento ao redemoinho em que naufraga todo o imediatismo do mundo. Sem respostas, a busca da redenção pela ordem divina do mundo é recuperada e realinhada às novas perspectivas deste mesmo confuso mundo. Busca-se na religião, em mares ainda tradicionais, os meios de ação, o bote salva-vidas que recuará a mares seguros toda a decepção envolvente que a *modernidade* veio a disseminar.

Na contramão das correntes seculares o que pôde-se perceber foi uma vertical escalada dos meios de articulação religiosos. Constante e diretamente presentes na vida do recém-chegado e já fatigado jovem graduando. Repleto de prazos tantos e perguntas outras sem respostas; perdido em meio a relações sociais alienadas de comedimento e ascensão social; embasbacado na ênfase rotineira do mais pelo mesmo. Não apenas, foi possível notar como a realidade dos vínculos tradicionais transporia a fidelidade do convívio outorgado de imediatismos, de rememorações e atitudes que recobram a presença não secular da religiosidade, disseminada pelo envolvimento do estudante com o seu persistente vínculo religioso que, de uma forma ou outra, direta ou indiretamente, influencia as ações e ainda faz-se presente rotineira ou esporadicamente.

Ceifado entre caminhos difusos, instituídos por sua própria realidade, o descarte inevitável das pressões corriqueiras que aparentam confundir e iludir o fracasso imposto ao destino do estudante de graduação. Não há dúvidas de

que as reminiscências de outrora permaneçam influentes sobre os aspectos mais lisonjeiros e subliminares das ações que, em certos grupos, tendem a demonstrar-se latente e evidente. E foram nesses grupos que a pesquisa de campo possibilitou evidenciar como a moral apaziguadora da religião e da religiosidade encontra meios e argumentos próprios para saciar todo o dissabor das derrotas e dos desafios impostos pela *modernidade* sobre o indivíduo.

Como tarefa, a individualidade é o produto final de uma transformação societária disfarçada de descoberta pessoal. No estágio inicial dessa transformação, o jovem Karl Marx, ainda no colégio, observou numa redação que mosquitos buscavam a luz da lâmpada doméstica após o pôr-do-sol. Com efeito, o fascínio das lâmpadas domésticas aumentava à medida que o mundo lá fora escurecia. O emergir da individualidade assinalou um progressivo enfraquecimento, a desintegração ou destruição da densa rede de vínculos sociais que amarrava com força a totalidade das atividades da vida. Assinalou também que a comunidade estava perdendo o poder – e/ou interesse – de regular normativamente a vida de seus membros. Mais precisamente, assinalou que, não mais sendo *an sich* (nos termos de Hegel) nem *zuhanáen* (como diria Heidegger), a comunidade havia perdido a antiga capacidade de fazer rotineiramente o trabalho de regulação, de modo trivial e sem embaraço. Tendo perdido essa habilidade, veio à tona, como um problema, a questão de moldar e coordenar as ações humanas, considerando-a um tema de ponderação e preocupação, e um objeto de escolha, decisão e esforço direcionado. Progressivamente, os padrões da rotina diária foram deixando de ser vistos como incontestáveis e auto-evidentes. O mundo da vida cotidiana estava perdendo sua auto-evidência e a "transparência" de que havia usufruído no passado, quando os itinerários existenciais eram livres de encruzilhadas e de obstáculos a serem evitados, negociado ou forçado a abrir caminho (BAUMAN, 2009, p. 30-31).

O proselitismo resgata sem dissabores o peso amargo do cotidiano acadêmico e da luta social do dia-a-dia. Pode servir, portanto, uma moral tida como secularizada como o repouso redentor que ansiava a mente juvenil perdida na miscelânea de valores e anseios da nova – sempre nova, e cada vez mais nova – *modernidade*? A propaganda religiosa, atuante e presente no meio acadêmico, lança seu ideário catequizador ao jovem no intuito de opor-se ao nada lisonjeiro vórtice moderno, que rapta as esperanças estudantis para dentro de um turbilhão individualista, burocrático, novo e seminovo, em constante e eterna modificação de uma sociedade corrompida pelo destino do eterno desgaste. Os jovens, público alvo do proselitismo da UEL, cansados do labirinto imposto por sua própria nova realidade, passam a atores no processo

social, tricotando os passos para além do labirinto, buscando novos meios de vivenciar a *modernidade*.

Ao retomar a análise desenvolvida, observa-se que, aquém da ênfase teórico-prática – nas formas atuantes dos meios proselitistas quanto aos meios atuantes modernos – as relações culturais encontram-se evidentemente contrapostas umas às outras. No certame a que pôde-se dispor para efetuar o exame dos meios culturais expostos, encontrou-se correntes e grupamentos que persistem em transpor as cadências modernizadoras e seculares. Essa contramão a que se dispõe em evidente destaque, prontifica os grupos que trabalham na temática religiosa quase como um pequeno expoente destacado dentro da *modernidade*, dentre os muros da universidade, no contexto e no entorno do *campus*.

Um certo racionalismo anuncia periodicamente o enfraquecimento de toda a religião, sendo ela tida como ligada a ignorância ou ao sentimentalismo. Mas Durkheim, Weber, Malinowski, foram unânimes em pensar que a dimensão religiosa é característica de todas as sociedades passadas, presentes, e *futuras*. [...] A religião, em virtude de suas funções latentes, como o aprimoramento do grupo e do indivíduo, não pode ser reduzida ao utilitarismo mágico, nem ao utilitarismo moral, que jamais leva em conta a luta de Jacó com o anjo, o dialogo dramático do fiel com as exigências da divindade. Identificar deus e a sociedade, como Durkheim parece fazer, é não ver que o sagrado desborda o social, o que não significa que a religião seja simplesmente “o suspiro da criatura oprimida” fugindo da realidade, principalmente quando se exprime no ascetismo “intramundano” do trabalho sobre si e do controle sobre o mundo (LABURTHE-TOLRA, 1997, 265-266).

Das concepções culturais difusas presentes na *modernidade*, passando pelo redemoinho das relações entre os indivíduos/atores, aportando nas características weberianas quanto a relação da busca individual em face ao tipo ideal, realocando os fatores tradicionais condensados na própria estrutura e formação do sujeito no âmbito familiar, desenvolvendo os descaminhos do convívio social, transpondo os elementos clássicos de análise e perspectivas temáticas; um fato dado ao destaque é não poder sequer esperar que uma simples relação de interpretações culturais pudesse, de fato, expor e explicar aquilo que remonta a identidade dos atores envolvidos nos meios sociais pesquisados.

O mesmo *pot-pourri* de relações sociais, aparente determinante do expoente moderno, permite-se somar as expiações e explicações que busca-

se na análise das relações que geraram a base e o desenvolvimento da pesquisa. Se possível fosse, se afirmaria unicamente que apenas os aspectos culturais possibilitam deter as relações identitárias de seus atores quanto a disposição do meio. As conclusões seriam, então, perigosamente preliminares. Ao desenvolver essa relação entre indivíduo e cultura faz-se necessário compreender todas as variáveis, tanto aquelas relativas a origem, quanto aquelas moldadas no destino do tempo, quanto mesmo aquelas rechaçadas apenas pela vontade individual em fazê-lo.

A gravidade que distorce as relações sociais e a busca por certezas dentro de uma *modernidade* repleta de dúvidas e inseguranças, propõe ao indivíduo, cansado e perdido no vórtice da cadencia social supostamente secularizada, uma gama de verdades que dão sentido ao mais completo absurdo que a atual *modernidade* impõe de todas as formas em todos os meios atuantes. Os antigos modelos morais ditados no ideal religioso iluminam os mares seguros na busca da verdade nos tortuosos meios e (des-)caminhos modernos. É nessa confusão que potencializada teoria do desencantamento e da secularização encontrará seu maior obstáculo: o apego a redenção mundana na necessidade do indivíduo em localizar-se com aquilo que apresenta-se como certo, ordeiro, verdadeiro, sólido.

5.1 REMINISCÊNCIAS CULTURAIS

As afirmações dispostas até o momento trazem um ponto intrigante a toda a análise desenvolvida. Verificar sob a ótica cultural um *n* número de variáveis e todas as proposições argumentativas apresentadas, torna-se uma tarefa a ser executada com cautela. O conceito de cultura, nos ditames a que se dispôs a análise, trata-se de um termo proposto a partir de uma instituição de valores ímpares em contraste com outros valores – também ímpares em sua autonomia – que destonariam em suas características quando contrapostos.

A palavra “cultura” não nasceu como um termo descritivo, um nome resumido para as já alcançadas, observadas e registradas regras de conduta de toda uma população. Só cerca de um século mais tarde, quando os gerentes da cultura olharam em retrospecto para aquilo que tinham passado a ver como sua criação e, seguindo o exemplo de Deus na criação do mundo, declarado ser bom, é que “cultura” veio a significar a forma como um tipo regular e “normativamente regulado” de conduta humana diferia de um outro, sob outro gerenciamento. A ideia de cultura nasceu com uma declaração de intenções (BAUMAN, 2005, p. 71).

De fato, o que pôde-se esboçar sobre as relações individuais, dentro do contexto da *modernidade* atual, trata-se daquela mesma miscelânea de relações confusas em disparate a norma social até aqui compreendida como um meio atuante que regulamentaria as ações de seus atores. O espaço moderno, em suas modernas características culturais, são espaços transpostos por caóticos seixos de luz divinizada sem rótulo aparente. Viver no colapso de relações do mundo moderno é estar sobrepujado sob essa confusão de aspectos, luzes, repleto de (in-)verdades constantes, sempre a espreita de uma nova novidade.

Para o jovem, perdido neste redemoinho confuso de relações, buscar nas atraentes e sólidas fundações das instituições religiosas uma moral de um viés religioso, no tradicional meio prescrito na memória de berço apaziguador, um novo-velho *way of life*; buscar regras que norteiem todo o disparate encontrado na vida moderna, trata-se de uma tarefa necessária à sua sobrevivência.

Tencionou-se demonstrar com essa pesquisa como a possibilidade de redenção apresenta-se inserida no contraponto entre culturas tão adversas. Os limites da secularização encontraram um terreno fértil onde semear dentro da própria sede secular imposta pela *modernidade*, encontram no proselitismo atuante dentro dos muros da universidade os meios de ação necessários que possibilitam perpetuação dos ideais de moral e conduta religiosas tão dispartes com as liquefeitas regras de conduta sociais impostas pela *modernidade*, encontram nas reminiscências da tradição parental as formações religiosas que intercalam-se na experiência religiosa e na formação identitária do indivíduo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reminiscências religiosas permanecem aparentemente estáveis quando analisado o perfil da população brasileira. Quando verificados os processos sociais relativos a própria constituição social, a religião e a religiosidade apresentam-se ainda como um considerável expoente de ação formadora e transformadora. A existência dos processos seculares encontra seu entrave mais promissor dentro dos aspectos ímpares da própria *modernidade*.

O caos gerado pela liquidez do moderno alimenta as correntes que caminham contra aquilo que parecia inevitável. O proselitismo encontra seus meios de atuação onde as instituições e os ideais modernos encontram sua falência. Os obstáculos da vida moderna entregam a uma busca por solidez e uma cadencia moral apaziguadora o confuso jovem graduando, que encontra-se perdido num rodamoinho de constantes transformações. As lembranças atuantes das ênfases tradicionais e conservadoras atuam, liminar ou subliminarmente, sobre a formação identitária e sobre a ação cotidiana dos atores envolvidos no processo de sociabilidade moderno.

Os meios de atuação proselitista presentes no *campus* da UEL dispõem de um fecundo campo onde semear os ideais de suas instituições, já defasadas pelo rápido segundo disputado pela *modernidade* atual. Utilizando-se de argumentos que inserem ao jovem a esperança fundada na quebra dessa alegoria de aleatoriedades e individualismos, e pautando-se numa moral resistente e persistente de valores enunciados em uma dignidade exemplar, com frutos e imediatismos brandos, disponíveis a serem colhidos por quem caminha a sombra de uma retidão ambígua aos novos tempos. O discurso apaziguador encontra nos descaminhos da própria *modernidade* um solo fértil e receptível aos ideais dogmáticos tradicionais que direcionam, apaziguam, interagem e descrevem toda uma cadência de eventos cotidianamente sobrepostos.

A análise da atuação de grupamentos específicos sobre a temática religiosa, e a contraposição dos dados gerais sobre a presença religiosa na universidade, permite perceber e dialogar acerca dos caminhos trilhados para

a inserção de uma suposta secularizada ideologia dentro dos meios acadêmicos e modernos. Possibilita perceber como as memórias religiosas tradicionais influenciam na forma e nos aspectos mais específicos da formação identitária do graduando. Possibilita, ainda, seguir as nuances e perceber como são trilhados os caminhos onde a esperança e a realidade ambígua encontram a falência dos meios e dos fins estabelecidos, e de que forma esse agir religioso encontra argumentos para firmar-se sobre a vida dos estudantes.

No trabalho e na pesquisa aqui apresentados, foi possível perceber a existência de um movimento de dessecularização do mundo, que se abastece da própria *modernidade* e das interações identitárias do próprio jovem inserido numa sociedade moderna liquefeita. Na contraposição entre essa miscelânea de relações culturais da *modernidade*, justapostas a crise existencial por ela gerada, que torna-se perceptível a ascensão de correntes de aspecto dessecularizador. Um combustível que abastece a cada momento a busca por instituições sólidas detentoras de uma moral apaziguadora.

Apesar das inferências, considerações e conclusões aqui apresentadas, os números, os limites impostos a pesquisa, e uma série de outros fatores que determinam a cadência e o desenvolvimento dos trabalhos, elementos ainda permanecem obscuros. Diversas dúvidas foram levantadas, diversos apontamentos ainda permanecem, se não evidentes, disponíveis para uma análise subsequente a ser desenvolvida acerca da temática.

Contudo, dispôs-se elementos que puderam ao menos responder aos questionamentos e elucidar as hipóteses levantadas. Há uma série de questionamentos e dados que poderiam ser analisados sobre outras perspectivas, para com outras fundamentações. O trabalho não se esgota pura e simplesmente, mas uma série de questionamentos derivados se dispõe a acompanhar o desenvolvimento dos fatos aqui apresentados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABUB. **Aliança Bíblica Universitária do Brasil: Estudante alcançando estudante.** Disponível em: <<http://www.abub.org.br/>>. Acessado em set. 2013.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo: HUCITEC, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BERGER, Peter. **A dessecularização do mundo.** In: *Religião e Sociedade.* Rio de Janeiro: n. 21(1), p. 9-24, 2000.
- BRANDÃO, Helena. **Introdução à análise do discurso.** Campinas: Ed. Unicamp, 2004.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Senado Federal: 1988.
- BRASIL, IBGE. **Séries históricas e estatísticas.** (Fontes) Disponível em: <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br>>. Acessado em out. 2014.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. **Entre sincretismos e guerras santas.** In: *Revista USP,* São Paulo: USP, n. 81, p. 173-185, 2009.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa.** São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.
- LABURTHE-TOLRA, P. **Etnologia-Antropologia.** Petrópolis: Vozes, 1997.
- MARX, Karl. **Crítica de la filosofía del estado de Hegel.** Mexico: Grijalbo, 1968.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. **O antropólogo e sua magia.** São Paulo: EDUSP, 2000.
- UEL. **Sua vida na UEL.** Disponível em: <<http://www.uel.br/portal>>. Acessado em out. 2013.
- UEL. **UEL em dados: uma universidade em evolução.** Disponível em: <<http://www.uel.br/proplan/>>. Acessado em nov. 2014.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo: Pioneira, 1967.
- WEBER, Max. **Ciência e Política: duas vocações.** São Paulo: Cultrix, 1972.